

# BRASIL-ÁFRICA

## HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE SABERES NA ÁFRICA E NA DIÁSPORA



Debates do Seminário de Lançamento da  
da Edição em português da Coleção da UNESCO

### **História Geral da África**

em São Paulo (SP), 6 de abril de 2011

Bebel Nepomuceno

Victor Martins

Representação da UNESCO no Brasil  
Ministério da Educação do Brasil  
Universidade Federal de São Carlos

Publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

© UNESCO 2012. Todos os direitos reservados.

BR/2012/PI/H/9

Revisão técnica: Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

Revisão gramatical e ortográfica: Reinaldo de Lima Reis

Revisão editorial: Unidade de Publicações da Representação da UNESCO no Brasil

Projeto gráfico e diagramação: Unidade de Comunicação Visual da Representação da UNESCO no Brasil



SAUS, Quadra 5, Bloco H, Lote 6, Ed. CNPq/IBICT/UNESCO, 9º andar

70070-912 – Brasília – DF – Brasil

Tel.: (55 61) 2106-3500

Fax: (55 61) 2106-3697

Site: [www.unesco.org/brasil](http://www.unesco.org/brasil)

E-mail: [grupoeditorial@unesco.org.br](mailto:grupoeditorial@unesco.org.br)

[facebook.com/unesconarede](https://facebook.com/unesconarede)

twitter: [@unesco brasil](https://twitter.com/unesco brasil)

Os autores são responsáveis pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as da UNESCO, nem comprometem a Organização.

As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte da UNESCO a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

Esclarecimento: a UNESCO mantém, no cerne de suas prioridades, a promoção da igualdade de gênero, em todas suas atividades e ações. Devido à especificidade da língua portuguesa, adotam-se, nesta publicação, os termos no gênero masculino, para facilitar a leitura, considerando as inúmeras menções ao longo do texto. Assim, embora alguns termos sejam grafados no masculino, eles referem-se igualmente ao gênero feminino.

# Sumário

Prefácio .....	1
Introdução .....	3
Primeiras palavras .....	4
1. História, Cultura e Legado Civilizatório Africano .....	6
2. África e Diáspora: Formação de Profissionais e Produção de Materiais Pedagógicos .....	9
3. História, Historiografia e a Produção de Saberes na África e na Diáspora ....	11
4. Questões do debate .....	13

# Prefácio

A série "Debates e perspectivas para a institucionalização da Lei nº 10.639/2003", desenvolvida pelo Programa Brasil-África: História Cruzadas, tem como objetivo divulgar as contribuições realizadas pela UNESCO para implementar e institucionalizar a Lei nº 10.639, de 2003. A série se inicia com as discussões desenvolvidas no decorrer dos eventos de lançamento da edição em português da Coleção História Geral da África da UNESCO (referida como Coleção HGA), realizados no primeiro semestre de 2011. O lançamento da Coleção HGA é resultado da parceria da Representação da UNESCO no Brasil com o Ministério da Educação e a Universidade Federal de São Carlos, no escopo do Programa Brasil-África: História Cruzadas. Nas diferentes regiões do país, a Representação da UNESCO no Brasil estabeleceu parcerias com renomadas Universidades para o lançamento da obra. Os eventos contaram com a presença de expositores nacionais e internacionais, que potencializaram trocas de experiências e discutiram, de forma profunda, temas de história e cultura africana e afro-brasileira e da educação das relações étnico-raciais.

Essas discussões possibilitaram um mapeamento de necessidades e perspectivas para a implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação sobre relações étnico-raciais, história e cultura africana e afro-brasileira no sistema da educação básica do país e, ainda, foram apresentadas possibilidades de uso da Coleção HGA como um subsídio para a sua efetivação. O público, composto por pesquisadores, representantes de movimentos sociais, professores e alunos do ensino superior e da educação básica, teve a oportunidade de participar ativamente, trazendo contribuições importantes para as reflexões em pauta. A série é composta pelos seguintes documentos:

- Relatórios dos debates ocorridos durante os eventos de lançamento da Coleção HGA realizados em vários estados das regiões do Brasil, exceto a região Sul. Os conteúdos dos relatórios são compostos por falas e discussões sobre temas relacionados à institucionalização da Lei nº 10.639/2003.
- Vídeos com algumas das exposições realizadas por palestrantes nacionais e internacionais que participaram das mesas de debates.
- Fotos das mesas de abertura, mesas de debates e públicos presentes nos eventos de lançamento da Coleção HGA.

Setor de Educação da Representação da UNESCO no Brasil

# Introdução

“Enquanto os leões não tiverem seus historiadores, a história das caçadas glorificarão os feitos dos caçadores”. Talvez seja o sábio provérbio iorubano, lembrado pelo professor Kabengele Munanga, que melhor expresse o sentimento presente no evento regional de lançamento da edição em português da Coleção História Geral da África (HGA), da UNESCO, em São Paulo. A Coleção, que trata a história da África numa perspectiva africana, configurando-se como principal referência bibliográfica sobre o tema, foi saudada pelos presentes como instrumento de vital importância na consolidação da implantação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino da história e culturas africanas e afro-brasileiras em todos os níveis de ensino do sistema educacional brasileiro. O lançamento em São Paulo, no dia seis de abril de 2011, reuniu no auditório do Teatro Tucarena, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), velhas e novas gerações de estudiosos e pesquisadores da história da África e das questões étnico-raciais.

O evento foi promovido pela UNESCO em parceria com o Ministério da Educação e contou com a participação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

A edição da Coleção História Geral da África em português, com os oito volumes que a compõem, é uma continuidade do trabalho iniciado nos anos 1980 pela UNESCO, com a publicação das versões em inglês, francês e árabe. A obra é decorrente dos esforços empreendidos por centenas de especialistas representados por um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, dois terços dos quais africanos. No Brasil, a tradução da Coleção para a língua portuguesa foi realizada pela Representação da UNESCO no Brasil e contou com a parceria e o financiamento do Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi/MEC) e com a assessoria técnica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O evento no estado ancorou-se nas discussões sobre a historiografia e o legado civilizacional africano, bem como sobre a formação de profissionais e produção de material pedagógico com vistas ao atendimento da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas brasileiras.

Tanto em função da grandiosidade e importância da Coleção quanto pelo momento oportuno de seu lançamento, foram convidadas para o evento personalidades de notório saber nas áreas de história da África e das questões étnico-raciais, atuantes nos cenários acadêmico, geopolítico, ativista e intelectual, tendo em vista a ampliação do acesso da sociedade brasileira a fontes da cultura africana e afrodiaspórica.

Ao longo do dia, um público de cerca de 300 pessoas, composto em sua maioria por professores da rede pública de ensino, alunos de graduação, militantes do movimento negro, sacerdotes de religiões de matrizes africanas, políticos, jovens pesquisadores e a comunidade

acadêmica como um todo, marcou presença no Tucarena e enriqueceu os debates com suas indagações manifestadas por meio do diálogo com os expositores.

## Primeiras palavras

O evento teve início às 9h com a sessão solene de lançamento da Coleção HGA, que contou com as presenças do representante da UNESCO no Brasil, Vincent Defourny, do magnífico reitor da PUC-SP, prof. Dirceu de Mello, do coordenador geral da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação (Secadi/MEC), Antônio Mário Ferreira, do Diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo (CEA/USP), prof. Kabengele Munanga, do coordenador técnico da edição em português da História Geral da África (HGA), prof. Valter Silvério, e da secretária de Políticas de Ação Afirmativa da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Anhamona Silva de Brito. Em sua exposição, o reitor Dirceu de Mello falou sobre o grande significado da Coleção HGA para o Brasil. À guisa de contextualização, Dirceu de Mello ressaltou a significativa expressão africana em nossa cultura enfatizando a importância do conhecimento acerca dessa cultura para a constituição das identidades e compreensão do nosso passado. “É indispensável que o povo brasileiro conheça suas origens”. Também enalteceu a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. De acordo com ele, a lei não apenas demanda o conhecimento sobre nossas origens, como também suscita debates acerca dos problemas étnico-raciais no país.

De forma semelhante, o diretor do Centro de Estudos Africanos (CEA) da USP, prof. Kabengele Munanga, ressaltou o caráter histórico do lançamento da HGA e observou que a Coleção em língua portuguesa estará ao alcance não apenas dos brasileiros, mas será disponibilizada também ao público falante de português dos países lusófonos: Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo-Verde, Timor Leste, Portugal, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial. Ele lembrou que a HGA é uma obra de consulta para todas as áreas do conhecimento, mas que também se destina a especialistas em história da África. Para ele, a Coleção não deve ser vista como o fim de um processo, mas sim seu conteúdo deve ser empregado em conjunto com outras obras e traduzido em outros formatos, como livros didáticos.

O coordenador da Secadi, Antônio Mário Ferreira, lembrou que 2011 foi designado pela ONU o Ano Internacional dos Povos Afrodescendentes, que, em sua maioria, ainda são privados do pleno exercício de seus direitos. Por essa razão, considerou que discussões e reafirmações da africanidade como um legado cultural dos brasileiros, suscitadas pelo lançamento da Coleção HGA acontecem em um momento bastante propício.

Ferreira enfatizou que a edição em português da obra é uma conquista da militância negra e das várias instâncias da sociedade civil brasileira que acreditam numa sociedade mais justa e igualitária, e é fruto, ainda, das políticas de ações afirmativas criadas ao longo dos oito anos de mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

“O racismo não é uma herança do passado, é algo que vem se criando e recriando ao longo da história. Daí a necessidade de que educadores, governantes e a sociedade somem forças para coibir as práticas racistas”, afirmou. De acordo com Ferreira, o MEC não tem poupado esforços para reduzir os desníveis ainda existentes entre negros e brancos no ensino brasileiro e entre saberes de diferentes matrizes. A HGA é, nesse sentido, excelente fonte pedagógica que ajuda a combater o racismo e a desigualdade que perpassam o ambiente escolar, sendo também a principal obra de referência sobre a história da África, o que possibilita ao público brasileiro o acesso aos saberes científicos, culturais e filosóficos africanos. “Isso contribui para pôr fim ao paradigma preconceituoso em relação à África”, enfatizou.

Representando o reitor da Universidade Federal de São Carlos, o professor Valter Roberto Silvério, que coordenou o trabalho de tradução da HGA para português, afirmou que o lançamento da obra não significou o fim de um ciclo. A questão étnico-racial naquela universidade tornou-se, de acordo com ele, uma questão central. Silvério explicou que os pesquisadores da universidade estão envolvidos com o projeto para a elaboração de materiais pedagógicos a partir da Coleção HGA, em parceria com a UNESCO e o MEC. Paralelamente, a instituição atua junto a municípios da região de São Carlos, no interior de São Paulo, visando à formação de professores no âmbito da Lei nº 10.639/2003.

A secretária de Políticas de Ação Afirmativa da Seppir, Anhamona Silva Brito, alertou sobre o preconceito ao qual os afrodescendentes vêm sendo submetidos ao longo da história e destacou que o enfrentamento dessa situação passa pela valorização da cultura. Destacou, também, a importância dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros (NEABs) e do Movimento Negro como um todo para a criação, no presente, de políticas afirmativas.

Para Anhamona Brito, o lançamento da Coleção História Geral da África em português reflete uma estratégia do movimento negro, que em décadas atrás elegeu a área da educação como seara principal das ações de combate ao racismo. Citou como exemplo os acalorados debates do início da década de 1980, quando se discutia a reformulação dos currículos educacionais a fim de coibir conteúdos discriminatórios. Destacou ainda que as ações antirracistas passam pela valorização da história dos afrodescendentes e pela eliminação do ranço do racismo dos parâmetros curriculares brasileiro. “Estamos em um caminho importante de avanços, ainda temos muito a trilhar”, finalizou.

Encerrando a sessão solene, o Representante da UNESCO no Brasil, Vincent Defourny, reiterou que o lançamento da edição completa em português é resultado de um sonho coletivo e que há tempos a UNESCO prega o desenvolvimento e a interculturalidade por meio do conhecimento. Defourny defendeu a importância do conhecimento como base de mudanças numa sociedade e também afirmou que a promoção e proteção das manifestações culturais só são possíveis por meio de um trabalho de parceria. Finalizando, afirmou que a edição em português da HGA obriga os pesquisadores a pensarem em como dar um passo adiante na dinâmica das relações étnico-raciais.

# 1. História, Cultura e Legado Civilizatório Africano

A mesa intitulada História, Cultura e Legado Civilizatório Africano, coordenada pelo pró-reitor de Extensão, Cultura e Comunidade da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN), Paulino de Jesus Cardoso, contou com os seguintes palestrantes: prof. Fernando de Albuquerque Mourão e Kabengele Munanga, ambos da Universidade de São Paulo (USP), Valter Silvério, da UFSCar, e o historiador e presidente da Associação dos Historiadores Africanos (AHA), o malinês Doulaye Konate.

Esse colóquio teve a maior parte de suas reflexões efetuadas a partir do processo de elaboração da Coleção HGA, especialmente as problemáticas relacionadas ao estudo da história da África e questões heurísticas e teórico-metodológicas, além da importância em se considerar a diáspora no estudo da história do continente africano. Muito se falou do sentimento de resgate da história africana que permeou a elaboração da Coleção, em contraponto à visão eurocêntrica, então predominante, de que o continente africano era sem movimento e, portanto, a-histórico – expressada, sobretudo, pelo filósofo alemão Hegel. Como lembrado por Kabengele Munanga, a África foi o berço da humanidade e, como tal, nela nasceram as grandes civilizações.

## 1.1 Doulaye Konate

A mesa teve início com a exposição do historiador Doulaye Konate, que tratou de aspectos gerais no estudo da história da África. Segundo ele, os esforços empreendidos para o estudo da África não representam somente um movimento de resistência, mas, sobretudo, um autoconhecimento em relação ao nosso passado, tendo em vista os valores que a cultura africana tem deixado ao mundo. Dizendo-se impressionado com aspectos da cultura africana com que se deparou na vida brasileira, principalmente em suas visitas a Salvador e Cachoeira, na Bahia, destacou a importância da diáspora para o continente africano, lembrando que o pan-africanismo e o renascimento da história africana nasceram na diáspora, não à toa considerada pela Organização Africana como a sexta região da África.

Ao ressaltar a importância do pan-africanismo e da diáspora para as nações africanas modernas, lembrou a preciosa observação de Joseph Ki-Zerbo, “para a África, a consciência histórica é de suma importância para a articulação do passado”. Segundo Konate, entre as discussões que envolveram os 39 intelectuais integrantes do Comitê Científico da HGA, estava a preocupação em articular diversas dimensões da história africana. “Os aspectos metodológicos, teóricos e interdisciplinares da Coleção contribuíram decisivamente para a propagação de novos paradigmas em relação à história africana”, afirmou.

O historiador malinês destacou as tradições orais, método que permitiu à equipe de pesquisadores da Coleção HGA reconstituir a história africana. “Além de chave para as pesquisas, esse também é um aspecto central para se compreender o modo de pensar africano”. Konate



somou a esse método descobertas de vestígios de antigas civilizações africanas que foram eclipsadas pela historiografia eurocêntrica, tais como: antigos sistemas de escrita da Etiópia e do Camarões, técnicas de metalurgia, a riqueza cultural da região do Nilo – tão defendida pelo historiador Cheikh Anta Diop – e a cultura do arroz, legado deixado pelos povos núbios à humanidade há mais de quatro mil anos. “Essas tecnologias surgiram no continente africano, e suas transformações no decorrer da história foram fundamentais para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas”, confirmou.

Chamou a atenção, também, para a questão das resistências empreendidas pelos africanos contra o escravismo. Reconheceu que o comércio de escravos e a colonização reforçaram a negação da história da África, mas ressaltou que essas circunstâncias não fizeram com que o continente rompesse o curso de sua história. Para ele, a resistência das culturas de matrizes africanas no Brasil é um exemplo da continuidade da história do continente africano apesar do escravismo. “Todos os dias os africanos inventam e criam. A África é um continente que está em pé”, disse ele, afirmando que a Coleção HGA permitiu à África reintegrar sua história.

## **1.2 Fernando Mourão**

A segunda exposição esteve a cargo do professor Fernando Albuquerque Mourão, o único brasileiro a integrar o Comitê Científico da Coleção HGA, na década de 1970. Em uma fala bem-humorada e despida de academicismo, Mourão detalhou sua experiência. Contou ter ingressado no Comitê a convite do historiador, antropólogo e político senegalês Cheikh Anta Diop, passando a ter contato direto com nomes como Hampâté Bâ e demais intelectuais africanos e afro-diaspóricos. Enfatizou que ficou claro desde as primeiras reuniões que a HGA não era um projeto ideológico e que não foi construída com a necessidade de negar o que havia sido feito anteriormente. “O propósito era colocar a historiografia da África em seu devido lugar”.

Segundo ele, o Comitê também discutiu bastante sobre um dos objetivos da obra: criar e fomentar o interesse pela pesquisa da história da África, como uma forma de fazer cair por terra o olhar enviesado da historiografia europeia (leia-se colonial) acerca do continente africano. “Peço ao público brasileiro que não encare a Coleção apenas como livros de difusão, mas como obra destinada a despertar a atenção dos pesquisadores”. Ele revelou que a HGA gerou filhotes, ou seja, uma série de estudos surgiram a partir das discussões do Comitê. “Este, até hoje, talvez tenha sido um dos trabalhos mais notáveis da UNESCO”.

Apesar do esforço e do sucesso do Comitê com a publicação da HGA, Mourão acredita que ainda levará tempo até que a África seja reconhecida pela comunidade internacional e intelectual. Assinalou que, a despeito da emancipação das ex-colônias africanas, o quadro atual mostra que a situação não sofreu grandes mudanças, como o comprovam a recente intervenção estrangeira na Líbia e a realidade conturbada da Costa do Marfim. Porém, reconheceu que o Comitê foi bem-sucedido em seu propósito de gerar um interesse pela pesquisa, tornando a HGA base de muitos dos estudos sobre o continente e seus povos surgidos a partir de então.

### **1.3 Kabengele Munanga**

Numa fala mais acadêmica, mas não menos emocionada, o professor Kabengele Munanga fez questão de lembrar o contato inicial com o professor Fernando Mourão, que nos idos de 1970 foi seu orientador na Universidade de São Paulo. Kabengele ressaltou o significado histórico-intelectual do lançamento da Coleção HGA, que traz à tona tudo aquilo que foi negado ou não contemplado por uma historiografia de viés eurocêntrico. Em sua acepção, o descompromisso da historiografia ocidental para com a história africana afetou profundamente a personalidade coletiva do africano.

Relendo criticamente Hegel, que via a África como um continente a-histórico, bárbaro e fechado em torno de si mesmo, alertou para o esquadramento da África pelas réguas ocidentais, manifestado quase sempre pela etnologia, etnografia, etnolinguística, etnomusicologia etc. A Coleção HGA, segundo o professor, apresenta trabalhos cujas interpretações contestam a visão homogênea e etnográfica em relação à África.

Para o diretor do Centro de Estudos Africanos da USP, a história da África tem passado, presente e continuidade, e a HGA, ao trazer a público acontecimentos históricos do continente africano, recoloca a África na base da história da própria humanidade. De acordo com Munanga, o projeto inicial da HGA previa um total de 10 volumes, em vez dos atuais oito, com dois volumes extras versando sobre a diáspora.

### **1.4 Valter Roberto Silvério**

O professor Valter Silvério (UFSCar) lembrou o início de sua trajetória intelectual a partir do Grupo Negro da PUC-SP em meados da década de 1980, ocasião em que já eram discutidos temas em torno das questões raciais e de novas propostas pedagógicas incluindo o ensino da história da África. Ressaltou os esforços empreendidos pela UNESCO e pelo Ministério da Educação no desenvolvimento do trabalho de lançamento da presente publicação. Contou sobre bastidores dos aspectos mais técnicos da obra, como o índice remissivo, que passou por uma intensa padronização, as cartografias, que foram atualizadas, e o minucioso trabalho dos tradutores, que fizeram um cuidadoso cotejamento com as versões em francês e inglês.

Valter Silvério ressaltou o valioso papel da Coleção neste momento para o país. Isso porque, segundo ele, por um lado o acesso à Coleção em nosso idioma se configura como a realização de uma antiga reivindicação dos militantes do movimento negro e antirracista. Por outro lado, ela serve de base, de agora em diante, para a produção de material pedagógico e editorial, além do estreitamento de contato entre pesquisadores e especialistas em África com o quadro educacional da formação básica. “A HGA é, a um só tempo, ponto de partida e chegada”, acrescentou.

Para Valter Silvério, o lançamento da Coleção possibilita pensar o negro no Brasil não mais pelo viés de descendentes de povos sem História, mas, antes, pelo viés de descendentes de povos com muita história, embora negada. A HGA, assim, de acordo com ele, representa a possibilidade de reescrita de uma nova história do negro no Brasil.

Silvério reiterou a importância de se trabalhar a história da África em qualquer disciplina escolar, com o uso de novas metodologias e em diálogo inclusive com as orientações curriculares brasileiras. “A sociedade civil pode ajudar nessa mudança, cobrando reorientações da estrutura curricular”, acentuou.

O coordenador técnico da edição em português da HGA reiterou a necessidade de que o material seja divulgado de todas as formas possíveis, sendo este um dos objetivos a ser perseguido. Silvério disse acreditar que a HGA impulsionará uma mudança de patamar nas relações Brasil-África, incrementando intercâmbios mútuos entre pesquisadores brasileiros e africanos.

## 2. África e Diáspora: Formação de Profissionais e Produção de Materiais Pedagógicos

O que fazer para garantir que a Coleção História Geral da África seja, efetivamente, usufruída pelo público brasileiro? Essa foi uma preocupação que permeou a fala dos palestrantes da segunda mesa-redonda do dia, intitulada África e Diáspora: Formação de Profissionais e Produção de Materiais Pedagógicos, coordenada pelo professor Dagoberto Fonseca, da UNESP. A mesa centrou-se nas perspectivas pedagógica e educacional no que se refere ao ensino de história da África, tendo em vista os desafios de levar tal disciplina ao nível básico da escola, e do uso da Coleção HGA para o preparo de materiais pedagógicos.

O tema foi debatido pelos educadores Petronilha Gonçalves, relatora do Conselho Nacional de Educação e professora da UFSCar; Fúlvia Rosemberg, da PUC-SP e coordenadora, no Brasil, do Programa de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford; Maria Aparecida Bento, diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT), e Jean-Michel Tali, membro do Comitê Científico da UNESCO para o Uso Pedagógico da Coleção HGA na África.

### 2.1 Jean-Michel Mabeko Tali

A exemplo do historiador Doulaye Konate, integrante da primeira mesa, Jean-Michel Tali também expressou sua admiração com o que chamou de reminiscências de África na Bahia, isto é, aspectos da cultura africana recriados no Brasil, pelos africanos escravizados, que resistem até os dias atuais. “A cultura afro-brasileira empresta um sopro novo à história da África”, afirmou. Tali acredita que a tradução da Coleção História Geral da África para o português contribuirá para a expansão do conhecimento mútuo entre africanos e afro-brasileiros. Segundo ele, na África, a maioria da população ainda desconhece o Brasil. “Até há pouco tempo Pelé era a principal referência brasileira no continente”. Tali ressaltou também a ausência de informações sobre a diáspora dentro da própria África. O tema é abordado nos programas educacionais africanos apenas sob o prisma do comércio negro.

Professor da Howard University, nos Estados Unidos, Tali declarou que sua experiência no exterior foi fundamental para que tivesse maior compreensão do estranhamento entre africanos e afrodescendentes da diáspora – um não conhece a história do outro – reforçando que a construção da visão da África sobre a diáspora também necessita de um roteiro complexo. Como alternativa para minimizar tal estranhamento, defendeu a construção conjunta – diáspora e africanos – de materiais pedagógicos que possam servir tanto ao continente africano quando aos afrodescendentes. Citou, por fim, a produção de documentários ilustrativos como excelente recurso pedagógico que tem sido empregado nos Estados Unidos, ajudando a mudar a visão dos estudantes daquele país sobre a África.

## **2.2 Petronilha Gonçalves**

Em sua exposição, a educadora Petronilha Gonçalves destacou que o lançamento da Coleção História Geral da África tem uma dimensão política: ele permite que todos os brasileiros e todos aqueles que leiam português conheçam a história da África e, por conseguinte, a história da humanidade. Segundo ela, um dos grandes desafios impostos pela Coleção agora é a integração da história africana àquela que tem sido difundida até os dias de hoje aos brasileiros. “Temos que estar atentos”, disse ela, “pois fazer essa integração não é uma questão de melhoria de autoestima da população afrodescendente, mas de reconhecimento”.

Petronilha considera fundamental que o ensino da história da África adote a perspectiva dos africanos, assim como faz a Coleção. Segundo ela, a formação de professores sobre o tema privilegia a assimilação em vez da comunicação, algo bem diferente da perspectiva africana, que estabelece outro tipo de relação com a aprendizagem e o conhecimento. Para a educadora, é necessário abandonar metodologias assimilacionistas em prol de pedagogias diversas que levem à compreensão da visão do outro sem desqualificação de sua cultura.

## **2.3 Maria Aparecida Bento**

A psicóloga e diretora do CEERT, Maria Aparecida Bento, sem deixar de destacar a conquista que o lançamento da HGA representa para os movimentos negros, mostrou-se preocupada com a efetivação desse ganho, ou seja, com a forma de difusão da HGA. Segundo ela é necessário garantir que ela possa, de fato, ser apropriada pela população brasileira. Além disso, em sua opinião, a Lei nº 10.639/2003 remete à necessidade de políticas públicas e é preciso também agir politicamente junto ao Estado brasileiro. “Ao trazer a história da África para os currículos, trazemos também a história europeia, reposicionando tanto o negro quanto o branco, mostrando o protagonismo dos afrodescendentes”, declarou.

Cida Bento apresentou o resultado de pesquisa aplicada pelo CEERT envolvendo duas mil experiências escolares em torno de questões étnico-raciais. A insuficiência de material pedagógico apropriado foi um dos principais obstáculos à implantação da Lei nº 10.639/2003.

O levantamento revelou também uma melhora do desempenho de estudantes negros de escolas que valorizam a história e cultura africana e afro-brasileira, mostrando ainda que ocorreu maior participação das famílias negras nas instituições onde esse currículo já está implementado. “Não basta que a Coleção esteja nas bibliotecas. É preciso pensar caminhos e propostas de ação afirmativa em torno da HGA”, disse, concluindo sua apresentação sugerindo que o Ministério da Educação seja instigado a assumir uma ação efetiva de disseminação da Coleção.

## 2.4 Fúlvia Rosemberg

Fúlvia Rosemberg privilegiou em sua exposição suas duas áreas de interesse: o desenvolvimento de material para crianças e a formação profissional. Apontou a insuficiência de quadros profissionais qualificados para o ensino das questões étnico-raciais, sejam negros ou brancos. “Um número ainda muito baixo de formadores elege essa temática como área de estudos”, afirmou.

Rosemberg criticou a inexistência de programas de ação afirmativa na pós-graduação. A educadora chamou a atenção para o que considera deslizes no Plano Nacional de Pós-Graduação que, de acordo com ela, podem deixar de beneficiar as populações negras. A meta 14 do plano propõe a elevação do número de matrículas na pós-graduação, mas no item 14.7, reduz o acesso a indígenas e populações do campo.

A especialista considera que há, ainda, um longo caminho a se percorrer na área das relações étnico-raciais. Em sua opinião, um dos maiores desafios nessa seara é o de criar discursos antirracistas para as crianças. “Produzir material com conteúdo antirracista não é apenas fazer o reverso do que criticamos”, assinalou. Coordenadora do programa de bolsas de pós-graduação da Fundação Ford no Brasil, observou também que poucos beneficiários do programa demonstraram interesse pela produção de material pedagógico ou pela abordagem das relações étnico-raciais a partir da óptica da idade. Ao fim de sua fala, Fúlvia Rosemberg sugeriu à UNESCO a organização de uma exposição sobre produções infantis no âmbito da diáspora africana na América Latina, considerando a perspectiva da idade no processo de elaboração de materiais pedagógicos de temática afro, o que poderia, em sua opinião, estimular um olhar mais crítico por parte dos profissionais brasileiros.

## 3. História, Historiografia e a Produção de Saberes na África e na Diáspora

A última mesa-redonda do dia mostrou que o interesse nos estudos de África continua a mover tanto veteranos quanto jovens estudiosos. O embaixador e historiador Alberto Costa e Silva, uma das referências no Brasil no estudo das africanidades, dividiu a mesa com o jovem pesquisador Muryatan Barbosa, doutorando da USP, que tem como objeto de estudo as cerca de 10 mil

páginas da Coleção História Geral da África, e com o diretor do Departamento de Diversidade Cultural da UNESCO, Ali Moussa Iye.

Na mesa, coordenada pelo professor Acácio Sidinei Almeida dos Santos, da PUC-SP e da Casa das Áfricas, os debatedores assinalaram questões históricas e historiográficas no estudo da história da África a partir da perspectiva da diáspora. A opinião dos debatedores foi unânime no que diz respeito à necessidade da continuidade de pesquisas em história da África que abarquem a diáspora e que dialoguem com questões suscitadas na Coleção HGA.

### **3.1 Ali Moussa Iye**

O diretor do Departamento de Diversidade Cultural da UNESCO assinalou que a diáspora foi considerada importante pelo Comitê Científico para a elaboração da Coleção HGA – o tema aparece em cinco dos oito volumes da obra.

Também discorreu sobre o projeto para o uso pedagógico da Coleção em todo o continente africano, encabeçado pelo departamento que ele dirige. “Em um prazo de dois anos, teremos desenvolvido materiais pedagógicos sobre história da África para serem utilizados em todo o continente”, afirmou. Atualmente, o Comitê Científico para o Uso Pedagógico da Coleção HGA na África está na fase de elaboração dos materiais.

De acordo com Moussa Iye, a adoção da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, serve de inspiração para a África. “Daí vem a necessidade de estreitar as relações entre as duas regiões, pois é de suma importância o desenvolvimento de conteúdos pedagógicos que atendam tanto o continente africano quanto a diáspora”. Para ele, a escrita da história da África e sua disseminação por meio de materiais pedagógicos é um ato político.

### **3.2 Alberto da Costa e Silva**

O ex-embaixador brasileiro em Lagos (Nigéria) e historiador Alberto da Costa e Silva passou pela história da África em sua apresentação. Na contramão da afirmação que, regra geral, aponta a escassez de fontes na história africana, afirmou que a história daquele continente é rica em fontes para além da escrita e dos documentos oficiais (leia-se coloniais), pondo em xeque a visão hegeliana acerca da ausência de movimento histórico do continente africano. Segundo o embaixador, a África sempre teve história e sempre contou a história de suas dinastias por meio das tradições manifestadas, quase sempre, pelas vozes dos griôs. Nesse sentido, as tradições servem a propósitos políticos, e cada geração recria sua história parcial ou integralmente para legitimar e/ou reforçar suas identidades e legitimar o presente.

O embaixador despertou o riso da plateia ao mencionar que a África gerou o ser humano duas vezes. “Vendo que a primeira não deu certo, gerou-o novamente”, reforçando o lugar da África como berço da humanidade.

Numa perspectiva histórica, destacou o olhar colonialista que persistiu durante muito tempo na historiografia que, até então, priorizava os heróis e as grandes personalidades em detrimento das pessoas comuns. Citando Virginia Woolf, que certa feita cobrou a biografia de pessoas comuns, ele afirmou que o mesmo se dá em relação à História: há povos que deixaram pequenas marcas que nem de longe dizem da grandiosidade dos seus feitos.

### 3.3 Muryatan Barbosa

O doutorando em História da USP, Muryatan Barbosa, um dos primeiros brasileiros a esmiuçar a Coleção HGA num viés historiográfico, destacou o que considera os três grandes méritos da obra: a sua qualidade científica, o prestígio dado aos historiadores africanos e, finalmente, mas não menos importante, a ruptura epistemológica representada pela predominância da perspectiva africana na obra. Muryatan afirmou a existência de diferentes correntes na escrita da Coleção, mas esclareceu que, ao longo de toda a obra, são visíveis os esforços dos organizadores em consolidar a perspectiva africana. Esse predomínio do que chamou de visão internalista na elaboração da HGA pode ser percebido, de acordo com ele, por exemplo, no volume VII, no qual o tema colonialismo é abordado na perspectiva da resistência dos africanos à presença europeia.

Apesar de a obra trazer o ponto de vista dos intelectuais africanos sobre sua própria história, Muryatan destacou que havia opiniões divergentes entre os idealizadores da HGA. É pelo menos isso que mostram as atas de reunião do Conselho Executivo e do Comitê Científico da HGA. Desse modo, percebe-se que tanto o Conselho quanto o Comitê acompanhavam de perto as edições, intervindo inclusive quando suspeitavam que o uso de determinadas expressões pudessem incorrer em ambiguidades no que se refere a aspectos da vida e da história africana.

De acordo com a análise de Muryatan, havia uma preocupação por parte dos organizadores da HGA em defender uma perspectiva mais internalista e continental da África. O que significa dizer que os organizadores lutaram para consolidar tal perspectiva africana como posição hegemônica. A disputa em torno dessa perspectiva mostra que ela estava longe de ser algo consensual e definitivo na construção da Coleção HGA. Por isso, segundo ele, deve-se analisar tal perspectiva para além da “visão dos próprios africanos sobre a sua história” – um dos méritos inegáveis da HGA.

## 4. Questões do debate

O público, que participou ativamente das sessões de debates, endereçou diversas questões aos debatedores. As principais delas giraram em torno da questão das identidades africanas e em torno da possibilidade que o conhecimento acumulado na Coleção HGA venha a impulsionar o tema da diáspora africana.



## 4.1 Identidades

Alberto Costa e Silva disse ser cético em relação a uma categoria única de identidade africana. Embasado em argumentos históricos, lembrou que o próprio conceito de “africano” foi uma criação europeia, portanto, externa à África, já que os africanos se identificavam a partir de suas etnias ou clãs (haussás, ijexas, ewes).

Muryatan Barbosa concordou com o historiador Alberto Costa e Silva no que diz respeito à questão da identidade numa percepção geral, mas enfatizou a questão da identidade negra. Citando sua própria experiência, disse ser possuidor de uma identidade negra por ser, antes de tudo, visto como tal. Por isso destacou que caberia a ele e a todo negro transformar a visão negativa que está subjacente à identidade negra numa visão positiva. Disse acreditar que a história da África no ambiente escolar integra esse movimento de afirmação ao construir uma imagem positiva de África para as crianças e jovens afrodescendentes.

Em posição oposta à do professor Costa e Silva, Kabengele Munanga, a esta altura já na plateia, evidenciou o fator coletivo na identidade africana, uma vez que a negação da história e cultura de africanos e afrodescendentes tornou a África uma referência identitária, ainda que distante ou imaginada, realçando que a identidade africana seria a mais importante a ser afirmada hoje.

## 4.2 Diáspora

O professor Valter Silvério salientou que é oportuno pensar na possibilidade de uma história da diáspora, que já vem sendo feita por alguns historiadores. O Professor Kabengele Munanga discorreu sobre a necessidade e a complexidade de se trabalhar a história da África a partir de um viés diaspórico. Segundo ele, a História Geral da Diáspora “não cabe em um volume”, pois para os africanos a diáspora é considerada a sexta região da África. Na acepção de Kabengele, “falar da diáspora é fazer a história da diáspora”. Diante da complexidade do fenômeno diaspórico, o historiador Konate assinalou que, para se empreender tal estudo, é necessário que se leve em consideração não apenas um continente ou país específico, mas que se abarque todas as regiões do planeta para onde foram transplantados os africanos.